

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º
	36 n.º*	18 n.º*	9 n.º*	à entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4\$000	2\$000	—	—
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—

22.º Anno — XXII Volume — N.º 730

10 DE ABRIL DE 1899

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. de Prop. Soc., entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 29

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.



CHRONICA OCCIDENTAL

Foi no sabbado de alleluia, reabertos os theatros, quando ainda no ar resoavam os ultimos riques dos sinos, por tres dias emmudecidos, quando a cidade voltava á costumada vida, com mais vontade ao prazer depois do jejum forçado, foi no meio da festa, pelas ruas cheias de gente, pelos theatros, pelos cafés, que a noticia se espalhou.

«Morreu o Papa!»

Não ha coisa mais complicada do que a geração, a criação, o desenvolvimento d'uma peza.

Afiançam-se com a maior desvergonha pormenores que dão evidencia á affirmativa.

Todos sabem tudo de fonte limpa.

Porque é sempre assim. Se ainda é muito duvidoso que a Verdade alguma vez sahisse d'um poço, nada mais certo do que nascer a Mentira de fontes limpissimas.

E discutia-se o caso e todos tinham opiniões.

Mas o egoismo de cada um falava tambem altissimo. Ninguém queria que o Papa tivesse morrido, a ninguém convinha. Eram os theatros fechados no melhor da estação, eram os feriados perdidos. Morrer o Papa, quando está a Maria Guerrero em Lisboa! Morrer o Papa durante as ferias...!

Podia lá ser!

E felizmente não foi. O santo velhinho, tão sympathico a todos, um dos maiores homens do seculo, ainda está vivo no Vaticano. Velho, achacado, fraquissimo de corpo, mas de espirito sempre lucido, Leão XIII ainda abençoa os seus filhos.

Mas porque foi a atoarda?

Um dos melhores contos de Alphonse Daudet intitula-se: *Le Pape est mort*.

É uma mentira tambem, a peza d'um pequeno, que faz gazeta á escola, recolhe mais tarde para casa e quer com uma noticia de sensação afugentar perguntas, furtar-se a explicações.

Que deliciosas são essas paginas de Daudet! Que lindas paizagens, que alegrias de criança n'aquelle barquinho deslizando pelas aguas tranquillias!

E as afflicções dos paes! Que sentidos necrologios ao virtuoso Pio Nono!... E o pequeno arrependido, cheio de remorsos...

Se o Papa leu alguma vez aquellas paginas devia de ter rido, de ter abençoado de todo o coração aquelle garotito, que, mais tarde, devia de ser um dos maiores escriptores da França.

Diz-se que uma falsa noticia de morte é, como o sonhar com mortos, signal de vida.

Assim seja, visto que muitas vezes sobradas esperanças de vida são máo prenuncio de morte.

Bem de temer, e a todos engana, é

essa esperanza, mentirosa sempre, a que chamam a visita da saude.

Dura por horas nas doenças rapidas, ás vezes dias nas doenças prolongadas.

Foi o que, ainda ha pouco, succedeu com o conhecido jornalista Marianno Pina, que foi colhido pela morte, quando familia e amigos maior confiança demonstravam d'uma rapida cura.

Soffrendo ha muitos annos d'uma tuberculose, que por vezes o impediu de trabalhar, encontrára

ultimamente alivios com um tratamento novo e nos ares milagrosos do Estoril.

Era um trabalhador infatigavel.

Estreára-se no antigo *Diario da Manhã* dirigido por Pinheiro Chagas, e fôra durante annos correspondente em Paris da *Gazeta de Noticias* do Rio de Janeiro. Ali fundou a *Illustração*, um dos mais bellos jornaes publicados em lingua portugueza. Em Lisboa fundou o *Nacional*, que teve curta vida e o *Espectro* de que poucos numeros



THEATRO DE D. AMELIA



A ACTRIZ MARIA GUERRERO

Vid. Chronica Occidental

sahiram. Era ultimamente o redactor gerente do *Journal do Commercio*.

Activo e intelligente, soubera criar amigos, que bem demonstram na hora do enterro o sentimento, que lhes produziu a morte do companheiro de trabalhos.

Paz á sua alma.

O Estoril é lindo lugar, no ponto mais pittoresco da bahia de Cascaes. Ha meia duzia de annos tinha meia duzia de casas. Hoje é o ponto mais frequentado dos arredores de Lisboa. Os pinhaes cresceram pelas encostas, n'elles se foram pouco a pouco edificando as casas. São quasi todas de pessimo gosto, sem caracter, chalets horribes sem razão de ser. Mas o grupo ao longe é risonho entre a folhagem verde-negra, sob o céu muito azul, á beira-mar.

Buscando os beneficios d'aquelle ar purissimo, vão para ali os doentes em busca da almejada convalescença. Salvam-se muitos, outros vão muito tarde. E vai acontecendo ao Estoril o que a todas as terras onde a saude habita; vai-se enchendo de cruzes negras; os pinheiros vão ageitando as formas ás dos ciprestes e gemendo quando docemente sopra a brisa do mar nas tardes melancolicas.

Estamos na primavera, má estação para os tísicos, que tantos baixam em abril á terra, que enche de flores roxas as olarias, de lindos cachos brancos perfumados as acacias.

São as flores que mais nos é dado ver agora em Lisboa, saudosos d'esses campos em que tudo é risos, alegrias, esperança e vida. Contentemo-nos com esse pouco, com as flores nos jardins, que também são perfumadas como são cantores os passaros na gaiola, com as arvores da Avenida onde os pardaes chilreiam, com os cantinhos de verdura que scintilla ao sol da tarde n'essas encostas por entre as casarias.

Ainda temos felizmente por ahí com que olvidemos por momentos os ditosos, que já abriram as azas feitas de notas de banco e se foram voando por esses campos fora sob o azul esplendido.

Os da cidade por enquanto ainda são filhos de Deus. Luz, perfumes, harmonias, instantes deliciosos, que a arte nos trouxe na ausencia da natureza, não nos teem por cá faltado agora.

Maria Guerrero, a primeira actriz do *Theatro Hespanhol* de Madrid tem estado entre nós. Grande artista, companhia de primeira ordem. Noites inolvidaveis no theatro de D. Amelia.

Raras vezes em Portugal teriam sido representadas as grandes peças do theatro classico hespanhol; nunca, por certo, o foram tão artisticamente. Não pôde haver maior prazer para o espirito do que assistir a um d'esses espectaculos da *Niña Boba*, de *El desden con el desden* ou de *El Vergonzoso em Palacio*, que a companhia de Maria Guerrero acaba de pôr em scena com carinhoso cuidado.

Mas não só essas peças merecem elogiosa referencia; não só essas foram gloria para Guerrero e Fernando Diaz de Mendoza. No theatro moderno hespanhol ha obras primas e o publico pôde applaudir, juntamente com os interpretes algumas peças de Codina, de Guimerá, de Echeagaray.

É uma consolação para a alma vêr representar assim; os olhos maravilham-se, os ouvidos encantam-se.

Uma figura de Velasquez, por milagre, recebeu uma alma nova, desceu do quadro e veio deslumbradora, cantar-nos, com um sorriso divino, as quintilhas preciosas de Moreto. Uma outra noite foi a mulher de Manelich, mulher do povo cheia de paixão, que nos contou, obrigando os olhos a uma lagrima, a historia triste da mãe ceguinha, que, ainda depois de morta, estendia a mão a pedir esmola. Foi outra noite a doce, mas leviana, apaixonada amante do homem que tinha na frente um estigma fatal, que nos fez com graça infinita aquella deliciosissima scena da confissão, uma das melhores de Echeagaray. E sempre, e na *Marianna*, e na *Dolores*, e sempre, Maria Guerrero nos encantou, pois este é o verbo que para tão requintada artista deve empregar-se. E quanto nos encanta fica acima da discussão.

Todas as paixões humanas teem n'ella uma fidelissima interprete. Ninguem desenha melhor, com traço mais firme. A recitar, a dizer versos é impecavel. É linda a musica de sua voz, encantador o sorriso, eloquente o olhar, faiscante ou dulcissimo, colerico ou desdenhoso, ironico ou atrevido.

O movimento d'aquellas personagens é o da vida. As almas sentem, os corações batem, os nervos vibram, o sangue corre. Não são titeres movidos por mãos sabidas no agrado do publico.

Mas não só á eximia atriz, gloria de Hespanha, devemos o entusiasmo com que todas as noites

applaudimos as melhores obras dos grandes escriptores antigos e modernos, que tão alto na historia do theatro ergueram o nome hespanhol.

Toda a companhia merece uma referencia elogiosa, contando artistas de subido valor, que mais se evidenciaram, longe da luz deslumbrante, em pequeninas comedias, que acompanharam as recitas da *Niña Boba*, da *Tierra Baja*, de *El desden con el desden*, da *Dolores*.

Mas entre elles destaca-se, pelos dotes naturais de artista, cultivo de intelligencia e primorosa dicção, Fernando Diaz de Mendoza, um fidalgo que abandonou a carreira diplomatica por uma atracção irresistivel para a arte... e uma paixão por Maria Guerrero.

Ao lado d'ella representa os primeiros papeis e obriga os applausos justissimos. Não é marido da Guerrero, como tantos maridos ha de cantoras e de amas de leite. É innegavelmente um artista, um grande artista.

Ha quatro annos apenas que se estrejou. A educação intellectual, que levava consigo na bagagem para essa viagem perigosa, decerto lhe valeu muito; mas está ali evidentemente uma natureza artistica e, dentro de algum tempo, Diaz de Mendoza será dos nomes mais illustres no theatro.

E assim quasi terminou a estação de inverno. Uma chave d'oiro.

A companhia de Maria Guerrero partiu para a America. As companhias portuguezas dos theatros D. Amelia, D. Maria e a de Lucinda Simões brevemente partem em giro artistico pelas provincias do norte.

Poucos theatros ficam abertos em Lisboa durante os mezés de maior calor. Taveira virá com a sua companhia para o theatro da Trindade e aqui se demorará, enquanto Sousa Bastos estiver no Brazil. Deve fazer um verão magnifico.

Mas o campo é que voltou a ser o pensamento dos felizes, que podem fugir d'estes calores horribes, que os asphaltos, o macadam, as calçadas da cidade começam a concentrar. Uma charneca em abril é mais bella que o mais bello dos boulevards.

Olham uns para o campo com olhos de poeta, outros estudando o que n'ella podem explorar. Uns cantam-lhe as flores, outros cultivam-lhe os fructos.

E bem preciso é que as atenções se voltem para a agricultura, se é certo, como muitos dizem, que Portugal, essencialmente agricola, tem nos seus campos fonte segura de regeneração.

O sr. dr. Luiz de Magalhães inaugurou na noite de 6 d'este mez a serie de conferencias, que hão de realizar-se na sede da Real Associação Central de Agricultura Portugueza. Seguir-se-hão outras dos srs. Jayme de Magalhães Lima, Paulo Choffat e Miguel de Oliveira Fernandes.

A terra, nossa mãe, está velhinha. É preciso que cuidem d'ella. Quando ella se enfeita, cantamos-lhe madrigaes, mas isso não basta. Não é só com palavras que se demonstra amor.

João da Camara.



AS NOSSAS GRAVURAS

PORTA DA EGREJA DA CANDELARIA

NO RIO DE JANEIRO, MODELO DE TEIXEIRA LOPES

A igreja da Candelaria, no Rio de Janeiro, é um dos templos mais sumptuosos d'aquella capital e cuja construcção tem levado mais de um seculo, tantas tem sido as alterações feitas á primeira traça, no sentido de alargar e engrandecer o primitivo projecto de reconstrucção.

Essa reconstrucção chegou, enfim, ao seu termo e apenas faltam alguns embelezamentos com que a irmandade d'aquella igreja mais quer enriquecer tão magestosa fabrica.

Entre esses contam-se as tres portas principais do templo, que deverão ser de bronze em altos relevos e para esse fim abriu ha dois annos, a illustre irmandade, um concurso internacional para a apresentação de modelos das ditas portas.

Concorreram artistas de varios paizes, mas para gloria da arte portugueza, foi preferido o projecto de um artista portuguez, cujo talento é já

reconhecido e bem notorio, o sr. Teixeira Lopes, auctor da imagem de Santa Izabel, um dos maiores primores da esculptura de nossos tempos, da Viuva, outra esculptura notavel que revelou um artista de genio e tantas mais obras que honram o illustre escultor portuense.

A nossa gravura reproduz o modelo approvado, e basta attentar n'elle para reconhecer a justiça da preferencia, pois será difficil exceder concepção mais grandiosa e mais artistica.

Ao sr. Teixeira Lopes foi também adjudicada a execução do projecto por 4:000 libras.

Os modelos concluíram-se ha pouco e vão ser enviados para Paris, onde será feita a fundição, devendo estar tudo prompto para figurar na proxima exposição de 1900.

D'aqui felicitamos o sr. Teixeira Lopes pela sua bella obra, que é mais uma manifestação gloriosa da arte nacional, e a illustre irmandade da Candelaria pelo acerto com que procedeu premiando o talento e adquirindo para o sumptuoso templo mais um primor d'arte.

AS OVARINAS

É uma raça especial, robusta e bella que, como as andorinhas, na primavera, invadem Lisboa chilreando alegremente e trabalhando sem descanso no arranjo do seu ninho, assim as ovarinas veem em bandos para a capital ganhar a vida em trabalho honrado. Em geral são formosas, mas diga-se para sua honra, não é d'esse precioso dote da mulher que tiram partido, mas da robustez dos seus musculos, da actividade da sua vida, deitando-se ao trabalho por mais violento que seja.

O principal emprego da ovarina, em Lisboa, é o da venda de peixe pela cidade, mas quando o não ha, ella não se queda; o seu animo, não lhe soffre estar á espera do que ha de vir; procura logo em que empregar a sua actividade. Vae para a descarga do carvão de pedra, vae trabalhar em desaterros cavando ou carregando, e se não conseguem arranjar trabalho assim, volta-se para a venda de quaesquer generos pelas ruas da cidade, de modo que sempre ganhe o seu dia, e depois de toda a lida diurna, é vel a á noite cuidar do arranjo da casa, fazer a ceia, ir buscar agua ao chariz, em grandes bilhas á cabeça, cantando e rindo com as companheiras.

Se são casadas e teem filhos — e raras são as que os não tem — as criancinhas não impedem que ellas continuem nos mesmos trabalhos, e assim com os filhinhos ao colo ou pela mão lá andam lidando no seu commercio.

Em as noites de Santo Antonio, de S. João e de S. Pedro, as ovarinas dão a nota alegre da cidade com os seus descantes e bailados pelas ruas e praças, especialmente no Rocio e no mercado da Praça da Figueira. A festa do Senhor da Serra é também outro dia de regosijo para as ovarinas. Vão todas para Bellas em alegre romaria com os seus homens; algumas em carroças enfeitadas de flores e chitas de ramagens, outras a pé calcureando por essas estradas não menos de quinze kilometros, dançando e cantando pelo caminho, e assim como vão veem, sempre alegres e incansaveis, descalças ou de tamanquinhas, sustentando nos quadris bem reforçados, suas numerosas e fartas saias que lhe dão pela tibia, e sobre o farto collo, onde se avolumam os seios pertruberantes, bastos cordões de ouro, contas, corações, cruzeiros, Nossas Senhoras do precioso metal, como em taboleta de ourives, recamando-lhe o corpete aviado ou a camiza de mangas ao punho com seus cabeções bordados. Das orelhas pendem-lhe grandes arcaçadas de filagrana ou até de ouro massivo e a emmoldurar-lhe o rosto collorido e vivo, um lenço de seda de côres vistosas, pontas cahidas, saindo-lhe de sob o chapéu redondo que lhe completa o traje.

É assim a ovarina nos seus dias de festa, e ainda nos dias de faina o seu porte e traje é sempre de ver, como a descreve Bulhão Pato, n'estes graciosos versos:

(GEORGICA)

Com a sardinha empilhada
Inda saltando vivaz,
Vem de cestinho, avergada,
Vem lá de baixo, da praia,
E sobe a pino o almaraz...
Mas nem por sombras caçada!
Córada ao sol, e puchada,
Faz vista de nova a saia!

Descalça. O pé regular
E brunido pela areia
D'essa arribas do mar.

Não se pôde chamar feia,
Descalhida e farta a trança,
Afrontada do calor,
O lencito desatado,
E os beiços com tanta côr
Como a d'um cravo encarnado:
— A mocidade é uma flôr!

Magrinha; mas que vigor
No seu passo de balança.
E, para apressar os passos,
São duas azas os braços!

A venda deve ser boa
Que ha muito que o mar não dá...
Com que alvoroço apregôa:
«Sardinha fresca!... frês-quiá!...»

Vêm as outras companheiras
Mais atrazadas. A'vante,
Ao Monte por essa encosta,
Ao Monte, ao Pragal e adiante
Que ha muito que o mar não dá...
«Sardinha fresca! da Costa!
Viva da Costa!... Frês-quiá!...»

Bullão Pato.

O TESTAMENTO DO POPULARÍSSIMO PINTOR

PEDRO ALEXANDRINO DE CARVALHO

1

Um dia, ha já alguns annos, conversando com aquelle distincto artista e nobre coração que se chamou Antonio Januario Corrêa, (1) que tão bellas provas de talento e de gosto nos deixou nos frescos magníficos que distinguem, hoje ainda, tantas residencias de campo nos arredores da capital, (2) dizia-nos elle, acerca de Pedro Alexandrino:

— Não é a respeito do Pedro, com certeza, que se pôde repetir o pittoresco annexim:

*O dinheiro dos pintores
Vae-se em bolos e licores.*

Pedro Alexandrino fez casa, é sabido. Deixou bens de fortuna, e lembro-me que andando ha annos a refrescar o tecto da igreja da Povoia de Santo Adrião, vi o chafariz que ainda na terra está em tradição ter sido mandado fazer por elle, no muro de uma quinta de que elle fôra proprietario n'aquella freguezia.

Como adiante veremos, a tradição, d'esta vez, andava bem orientada. Pedro Alexandrino allude, com effeito, em seu testamento, a sua quinta, sem, todavia, dizer onde ella fôsse. A informação de Antonio Januario, confiada a nossa simples memoria, subministrou, tempos depois, modo de apurar alguns pormenores que a este respeito se ligam.

Deixou, de facto, o auctor do quadro do *Salvador do Mundo* alguma cousa que testar, e mais lusido seria ainda, a testemunho seu, o seu testamento, se não viesse a terrível invasão franceza paralyzar as encomendas, e affrouxar o zêlo artistico de uma parte da sua clientela: — os frades. — Os frades, de quem ficou ao artista a alcunha pictoresta, pela qual foi conhecido da sua epocha: — «*Pintor dos frades*».

Tratando de Pedro Alexandrino, diz José da Cunha Taborda, em seu *Ensaio Pictórico*:

«Não podemos ver sem assombro as immensas pinturas, que ornam quasi todas as igrejas d'esta capital, e muitas do reino. Ellas nos offerecem claro testemunho da grande promptidão e engenho, que admiramos em Pedro Alexandrino de Carvalho.»

E mais adiante, desculpando-se de não fazer a resenha de seus quadros, repete: «porque são em grande numero os que adornão a maior parte das igrejas novas d'esta capital...»

Raczynski diz, no capitulo em que faz o inventario dos quadros dos templos lisboenses: «te-

nho já visto tantos quadros d'este auctor, que me dispense de ir ver mais estes». (os da Magdalena).

Ao conde haviam já assegurado que Pedro Alexandrino pintara *mais de mil quadros*.

Não é impossível, com effeito que a asseveração tenha fundamento, dada a prodigiosa, e tambem fatal facilidade com que o nosso artista manejava os pinceis. Aqui temos o Cyrillo attestando o facto, ao contar que o viu «começar hum grandissimo quadro no tecto de uma igreja, pela pequena cabecinha de um serafim, e proseguir-o até o fim, sem precisar tornar atraz para correção, affirmação ou accordo».

Este segredo que Pedro Alexandrino achara para captivar a Fortuna, tendo sempre que fazer quasi até o seu ultimo dia, herdara-o elle de um de seus mestres, o velho André Gonsalves, cujo colorido, agradável mas brando, a nosso ver, muito imitou tambem o discipulo.

Como o pintor da *Madre de Deus*, (4) que, depois de Bento Coelho, fôra considerado o mais fecundo artista que haviamos tido, Pedro Alexandrino possuio em grau eminente o talento de agradar ao publico. D'ahi a origem da sua grande popularidade.

Dotado de excepcional presteza, o Pedro tratou, pois, de aproveitar a corrente da bemquerença que o favorecia, resolvendo ao contrario de outros seus contemporaneos, eleger, por seu Mecenas aquelle senhor soberano que faz e desfaz as reputações, que distribue a gloria ou o olvido, que paga, generoso, a quem o entende, a quem o serve, sem exigir mais da pessoal independencia do que ella pode com dignidade conceder: — Pedro Alexandrino, grato ao Povo, para o Povo resolveu trabalhar. Como o mestre, cujo processo seguiu, tanto no modo de pintar, como no teor de vida, do Pedro se pode dizer que *soube viver*, porque a tudo se accommodou, com geral agrasimento e bom nome para a Historia da Arte.

Considerando as circumstancias difficeis, em meio das quaes se havia produzido o talento de Bento Coelho, escrevera Cyrillo:

«Restava portanto só a Religião que pudesse manter algum pintor, mas como? Pintando muito por pouco dinheiro, e he o que aconteceu a alguns pintores já nomeados, e mais ainda a Bento Coelho, de quem se diz que fizera tantos quadros, quantos forão os dias que vivera».

Pedro Alexandrino, que teria podido, acaso, se por outro norte se houvera governado, exceder, talvez, o auctor do quadro das *Sagradas Formas*, na perfeição das suas telas e nos meritos da sua execução, preferiu antes exceder-o na *produção*, com sacrificio da *qualidade*. Nada regeitava, a a tudo, e a tudo se accommodava. Com a mesma diligente boa vontade com que executava os tectos, se sentava diante dos pannos das cadeirinhas e dos coches, cujas portinholas pintou com maestria insigne.

Familiarisado com todos os processos, zombando das difficuldades que se antolham aos que não teem o genio expedito, pintava a fresco ou a tempera com desembaraço igual ao que empregava, pintando a oleo. Nem o atemorizavam as grandes composições, nem desdenhava dos pequenos assumptos. Tudo tinha seu preço; tudo se faria conforme as posses de quem encomendasse. Caso era haver quem.

Por isso, lá em cima, estendido ao longo da esteira, companhia inseparavel do pintor decorador, ia elle despregando de sob um pincel, cuja espontanea facilidade não tinha rival, as Glorias e Emphyreos povoados de figuras de Bemaventurados e de grupos de anjos que os recebem e os vão conduzindo até ao throno do Eterno, em glorioso percurso, com a mesma facilidade, com a mesma presteza, com a mesma harmonia graduada e doce, e tambem com a mesma frouxidão um tanto desanimada e monotona, que ficaram como caracteristico da sua obra, com que, na officina, opulentava os ricos paineis das carruagens de gala da corte, engalanadas de phantasias scenas mythologicas, nas quaes o mimo e elegancia dos seus genios e dos meninos alados, que, por testemunho do seu biographo, collega e amigo, Cyrillo Voikmar Machado, ninguem com mais graça do que elle soube pintar, não formavam, decerto, o mais somenos de seus merecimentos.

Tudo isto, porém, «por pouco dinheiro», tal qual o seu nomeado, e muito mais do que elle, palaciano antecessor Bento Coelho.

(Continúa)

Gomes de Brito.

RETRATO DE JESUS CHRISTO

— «Appareceu em nossos dias um homem de grande virtude, chamado *Jesu-Christo*, o qual ainda vive entre nós. Os gentios o tem recebido como um propheta da verdade, mas os seus discipulos lhe chamam *Filho de Deus*. Resuscita os mortos e cura todo o genero de enfermidades. A sua estatura é mais que mediana, o seu porte é tão circumspecto, a sua presença tão veneranda que todos ao vel-o o amam e o temem. Tem o cabello castanho basto e liso até ás orelhas, mas d'ahi para baixo a côr é mais loura e anelado, cabindo-lhe ondeado sobre os hombros e dividindo-se ao meio da testa a maneira dos Nazarenos. Tem a testa lisa e mui fina e em seu rosto não se divisa mancha nenhuma, nem signal ou ruga aformoseando-o uma bella côr rosada. No nariz e na boca não se lhe encontra defeito algum. Sua barba, um tanto espessa, comprida e macia é da côr do cabello e tem a forma d'um garfo; a sua phisionomia revela innocencia e juizo e os seus olhos são pardos, claros e vivos. Quando condemnada é terrível, quando reprehende ou admoesta é cortez e moderado nas expressões. Em sua conversação é agradável e cheio de gravidade. Ninguem o viu jámais rir, porém muitos o tem visto chorar. As proporções do seu corpo são excellentes; as mãos e os braços são o mais formoso que se pôde ver. No fallar é modesto e sobrio. Homem de singular belleza que excede a todos os filhos dos homens.»

Este documento, curioso e interessantissimo, e sem duvida um dos valiosos para a historia ecclesiastica, existia ainda ha setenta annos em poder d'um fidalgo irlandez de appellido Massareen.

Em 1820 foi publicado este curioso manuscrito em Inglaterra, declarando o jornal que o inseriu ser uma carta autographa dirigida ao Senado de Roma por *Publio Lentulo*, presidente da Judéa no reinado de Tiberio Cesar.

Jesu-Christo foi morto e crucificado tres annos e alguns mezes antes do fallecimento do imperador romano *Claudio Tiberio Nero*, este feroz e sanguinario successor d'Augusto a quem os romanos davam o titulo de *Vossa Eternidade* e o nome de *Divino Tiberio*!

Este monstro subiu ao throno pelos artificios de sua mãe Livia e foi aclamado herdeiro bem contra vontade do imperador Augusto que o havia adoptado.

Augusto poucas horas antes de morrer disse acerca de Tiberio: *Lastimo o povo romano; vae elle ser bem triturado lentamente por aquelles queixos*. O seu perceptor advinhou-lhe os instinctos maus quando disse de Tiberio que elle era *uma especie de lama amassada em sangue*.

Se em vez de Tiberio tivesse imperado Germanico, esse jovem e virtuoso guerreiro cheio de nobres affeições e fortes impulsos para o bem, o typo ideal da honra antiga, porque era elle o mais corajoso dos homens e o mais generoso dos vencedores, se Germanico houvesse governado Roma em vez do desconfiado, perfido e cruel Tiberio, talvez que as prophcias não tivessem sido cumpridas tão cedo, tendo apenas Jesu-Christo 33 annos de idade.

Estava escripto que o Christo devia soffrer e por esse meio entrar na sua gloria, para nol'a fazer partilhar com Elle, diz o abbaide Juste na sua *Biographia Sagrada*, e talvez fôsse por esse *estava escripto* que Germanico foi envenenado pela seu tio, proprio Tiberio.

Silva Pereira.

OS FORASTEIROS NA RUSSIA

POR

POULTNEY BIGELOW

(Continuado do n.º 122)

IV

A 6 de junho cheguei e mais o Remington a S. Petersburgo, e depositada que foi no hotel a nossa leve mochila de remadores *diletantes*, fomos n'um pulo a legação dos Estados-Unidos. Os *cabriolets* de S. Petersburgo tem as rodas um quasi nada maiores do que as de um carro de mão, e pouco mais podem conter, tambem. Eu e o Remington, ao saltar para o vehiculo, abraçamo-nos com quanta força tinhamos para não dar a nossa cambalhota para qualquer dos lados, e lá fomos, succudidos, dos pés á cabeça, rodando sobre as as-

(1) Em 1880, no salão de pintura do theatro de D. Maria II, onde Antonio Januario pintava o grande panorama de Lisboa, que percorreu as principaes cidades do Brazil, sendo alvo do maior enthusiasmo e objecto de grandes encomios na imprensa do antigo imperio.

(2) Lembremos tambem as salas de bilhar do café *Manoel Hispanhol*, na rua do Arco da Bandeira, onde Antonio Januario pintou as principaes scenas dos *Tres Mosqueteiros*, com brilho e vigor dignos de perduravel memoria; pinturas que os da actual geração já não conheceram.

(3) Vida de José do Egypto, na sacristia: Rainha e Senhora dos Anjos, no tecto da capella-mór.



PORTA DA EGREJA DA CANDELARIA, NO RIO DE JANEIRO

(Escultura do sr. Teixeira Lopes)

porrimas calçadas, d'esses squares, vastos quanto desertos, que parecem especialmente destinados para manobras militares. O cavalo que puxa a *droschka* é de marca pequena, porém esportíssimo e, com pasmosa facilidade lêva à tréla o desastrado e pesadíssimo *cabriolésinho*. Os outros carrinhos que topámos pelo caminho levava cada qual invariavelmente um individuo fardado. A coisa na Alemanha já se nos afigurava passar das marcas, em S. Petersburgo, porém, ou uniformes ou andrajos, — e não havia mais por onde escolher! — O cocheiro, naturalmente, gosta da sua *droschka*, infinitésima, por que faz com que pareça maior e mais possante o cavalo, emtanto que o official, sem duvida, é lhe afflcto pelo facto de, pelo contraste, lhe avantajá-las as proporções. E de suppr, contudo, que o cavalo maldiga o pesadíssimo trambólho, e suspire por uma carruagem civilizada.

Tocámos a campainha, e d'ali a nada, um laçoio, de ponto em branco, veio abrir a porta e conduziu-nos a um aposento ricamente adornado. As legações de Berlim, Paris, Londres e Vienna ficariam a perder de vista comparadas com tão principesca installação e, sentados nas nossas cadeiras, maravilhados contemplavamos uma entada de salas mobiliadas e decoradas com o mesmo luxo asiatico.

Éramos apénas uns simples viajantes americanos, e como nos tivessem conduzido a tão sumptuoso aposento por havermos manifestado desejos de falar com o nosso representante, d'ahi concluímos que nos achavamos na legação dos Estados-Unidos, e que, alim de costear as despesas da nossa representação official, haviam aggregado a esta qual-quer outra instituição. Enganámo-nos, porém.

Não residia, ao tempo da nossa visita, nenhum ministro americano em S. Petersburgo, e o primeiro secretario, que exercia o lugar de encarregado de negocios, informou-nos de que nos achavamos na sua propria residencia, na qual fôra reservado um aposento para fins officiaes.

Em outros paizes, nos semi-civilizados, principalmente, todo o americano que sollicita auxilio ou protecção do seu ministro contempla com alegria a agnia americana encimando a porta da respectiva legação, e,

tremulando a par d'esta, provavelmente, arvorada no competente mastro, a bandeira das listras e das estrellas, nos dias de gala nacional, proclamando ao mundo em pézo que o cidadão americano, viaje por onde viajar, pode contar com a ajuda do seu governo, sempre que obedeça ás leis do paiz em que se encontra. Quando mesmo não existam ali nem agnia nem bandeira, em todo o caso, lá estará uma chapinha de latão, affixada em lugar conspicuo, para o informar de que na respectiva localidade existe uma coisa que se chama legação dos Estados-Unidos.

Em S. Petersburgo, eu e o Remington debalde procurámos qualquer d'estes signaes animadores.

É possível que nos escapasse algum letreiro em russo, poucos são, porém, os americanos que falam esse idioma. Lá nos leváram aos tombos, d'aqui para ali, em estado miseravel de nostalgia, tocámos quanta campainha encontrámos pelo caminho, sem encontrar ninguem que falasse a nossa lingua, até que afinal viémos arribar ao portão da ostentosa personagem que representa o governo de Washington, junto da pessoa do nosso grande amigo, o Tzar de todas as Russias.

No primeiro de junho, remettera eu uma carta ao nosso representante em S. Petersburgo, participando-lhe que me achava incumbido pelo meu paiz de uma comissão, que vinha aliás munito de «passaporte especial» visado pela *Reparação do Estado*, e que, de reforço a este, era portador de uma carta official do secretario de Estado, para me servir de introdução junto dos nossos agentes diplomaticos no estrangeiro.

O Remington trazia tambem «passaporte especial» e acrescentei na minha carta que eu e elle viajávamos juntos no intuito de melhor cumprir as instruções do nosso governo.

Lembrando-nos da rapidez com que a média dos diplomatas americanos, assim que se vêm envoltos na pompa das côrtes estrangeiras, perdem de vista a terra natal, aproveitei o ensejo e fui-lhe dizendo que o meu amigo, no seu genero, era o primeiro entre os artistas americanos, e sollicitava licença para desenhá-las apontamentos.

Accrescentava ainda que, em condições dispendiosissimas, trouxéramos da America uma canôa, para excursões fluviaes, que tencionavamos, navegando de S. Petersburgo, atravessár o Baltico em toda a extensão, tomando apontamentos e bosquejos durante nossa derrôta.

Em conclusão, pedia ao nosso representante em S. Petersburgo que me alcançasse a devida licença para levar a effeito a sobredita viagem, ou quando não, que me apresentasse á entidade official, respectiva, afim de eu pessoalmente lhe formular o meu pedido, explicando-lhe o character inofensivo da nossa projectada excursão.

Conscio das delongas diplomaticas em paizes orientaes e semi-civilizados, apontava-lhe a data de 8 de junho como dia da minha apresentação, e de caminho, afirmava ao nosso representante que, até essa data, nos encontraria ao seu dispôr. Remington e eu déramos tractos ao miolo, a ver se imaginávamos o que nos cumpria fazer afim de despír a nossa missão de toda e qualquer circumstancia suspeita.

Concluímos, afinal, accrescentando ao nosso documento um protocollo, — isto é — promptificávamo-nos a satisfazer a despêza de alguém que o governo russo



EGREJA DA CANDELARIA, NO RIO DE JANEIRO

houvesse por bem enviar em nossa companhia, na qualidade de interprete, guia, piloto, protector ou espião.

Sabíamos que, no anno anterior, o governo dos Estados-Unidos enviara á Russia commissão especial, afim de relatar acerca da emigração judaica, que a dita commissão se viria desconsiderada, e abandonara S. Petersburgo, desgostosa, sem

intento ao estimadissimo embaixador da Russia, junto á corte de Berlim, o conde Schuvaloff. E' um cavaleiro amabilissimo, affecto, em extremo, aos cidadãos americanos, e de todo incapaz de subterfugios. Tomara a peito o meu projecto que nem que eu fôra seu filho: affirmou-me que a minha excursão seria das mais apraziveis, que ia ser recebido de braços abertos, insistiu em me

O representante americano, com toda a paz de espirito, informou-nos logo á primeira entrevista de que não fizera pedido algum, escripto ou verbal, em nosso favor.

Era um tanto de embatucar, aqui para nós! E tinhamos-lhe nós dado uma semana, para o que desse e viesse! O Remington estava com áres de quem se propõe jogar á pancada!



AS OVARINAS — DESENHO DO SR. M. DE MACEDO

que tivesse alcançado sêr oficialmente reconhecida pela repartição competente.

Suppunhamos que nos houvessemos protegido efficazmente contra semelhante contingencia pelo facto de ter enviado o nosso requerimento com uma semana de antecipaçào.

A nossa missào nem por sombras sequer se achava ligada a qualquer questào politica; se haverá nada mais innocente do que plantar de arvoredo as côstas de qualquer paiz?

Alem de quê, eu fizera plêna exposiçào do meu

offerecer o seu prestimo, deu-me, até, uma carta de recommendaçào para um dos nomes mais graúdos de S. Petersburgo.

Que mais poderia desejar um cidadão americano, viajando em paiz ligado ao nosso por tantos e tão amigaveis laços, qual é a Russia? Não esperávamos, certamente, ter por escolta a esquadra americana! A frôta de navios com carga de cereas que lhe mandámos para os camponozes famintos não representaria, quer-me parecer, nada máu substituto?

Expoz-nos o encarregado de negocios que existiam certas difficuldades com respeito a praxes e precedentes diplomaticos.

Protesteí, observando-lhe que o ministro da Russia em Washington não encontraria difficuldades em ver satisfeito qualquer pedido da mesma natureza por parte do secretario d'Estado, e que me aventurava a julgar que o ministro dos Estados-Unidos em S. Petersburgo seria entidade tão importante como o ministro da Russia em Washington, e que dado o caso que assim não

fôsse, já era tempo da gente americana ter conhecimento de semelhante facto. Trouxéramos os nossos documentos abonativos, e rogámos-lhe que houvesse por bem lê-los. Assim fez, devolvendo-os, e observando, com certo ar de enfiado, que eram deficientes quanto á forma diplomática.

Retorqui-lhe que não me competia criticar a forma diplomática, adoptada pela minha *secretaria d'Estado*; que o fizesse elle, se assim o entendia, mas nunca por minha intervenção. Que o negocio que nos trouxera a S. Petersburgo reduzia-se exclusivamente a obter uma licença que nos fôsse protecção eficaz em quanto andássemos cruzando pelas costas do imperio.

A resposta do encarregado de negocios foi assaz vaga; que me lembrasse de que, desde o anno anterior, o governo russo se mostrava muito aprehensivo em relação aos forasteiros que vinham á Russia com intenção de relatar coisas do paiz. Ao que repliquei que tambem a China desadorava a estrangeiros, e que eu, comtudo, não encontrára a minima difficuldade em viajar no celeste imperio — ainda mesmo no interior.

Insistimos no facto de que ambos nos achavamos perfeitamente habilitados a apresentar garantias convincentes com respeito ao character inoffensivo da nossa nautica excursão. Repetimos-lhe o offercimento que já fizéramos de custear as despesas a uma escolta official. O representante surriu, abanando a cabeça, e com a maxima cortezia, observou-nos que nos aventuráramos n'um becco sem saída.

Até que eu, finalmente, em presença do Remington e do nosso addido militar, disse-lhe o seguinte: Vou formular-lhe categoricamente o meu pedido. Em vista dos documentos officiaes de que sou portador, requeiro-lhe que haja por bem levar-me á presença da entidade official respectiva; desejo uma apresentação em forma; quero entregar-lhe as credenciaes do governo dos Estados-Unidos, explicar-lhe a natureza da nossa missão, e ouvir definitivamente da sua propria boca se estamos realmente ameaçados de encontrar obstaculos que possam tolher-nos o caminho.

O representante pôz-se a mirar-nos, alternadamente, com sorriso indefinivel — um sorriso que eu não extranharia se lhe houvéramos falado em pedir um emprestimo ao tzar.

— De todo em todo impossivel — foi a sua resposta peremptoria. — E contra todos os precedentes diplomaticos, admira-me, até que o não saiba!

Que se lhe havia de fazer! — Concordei com o Remington em que esperaríamos, pelo menos, durante tres dias. Se até esse prazo o governo nos não desse resposta, carregariamos com as canoas até ao porto de mar allemão mais proximo, iriamos cruzar por uns tempos nas costas dos dominios imperiaes, regressando depois á Russia, dado o caso de que a permissão nos fosse finalmente concedida.

A força de instancias, condescendera por fim o nosso representante em prometter que apresentaria um pedido em forma com respeito á desejada authorisação, e que faria quanto em si coubesse para facilitar-nos o cumprimento da nossa missão, etc; e tal.

É dispendiosissima a vida na Russia, especialmente na capital. O forasteiro é constante alvo de extorsões infinitas, e não tardámos em descobrir que, continuando as despesas correntes na mesma proporção, em breve nos ameaçaria a bancarrota. Lá quanto a distrações, não havia razão de queixa, pois trouxéramos cartas para funcionarios poderosos e da mais elevada gerarchia, que nos recebiam com a maxima cordialidade, convidando-nos para as suas casas de campo, offerecendo-se para fazer tudo n'este mundo que pudesse concorrer para a nossa ventura, excepto a coisa unica que desejaríamos ver-lhes fazer.

Príncipes, condes, coroneis, embaixadores, chefes de estado-maior e ajudantes de ordens — tudo era abarrotar-nos de caviar, champanhe; hospitalidade principesca, mas nem um só que se atrevesse a mexer um dedo em favor de negocio que interessava a terceira secção — a policia secreta.

A nossa correspondencia era, já se vê, aberta pela policia, que a tornava a fechar. Deus sabe como. Um bello dia, o Remington fôra dar um passeio de carrinho pelos arrabaldes, e quando mal se precitava, repára que era seguido, vinha atraz d'elle um official n'uma droschka. A tal droschka, d'ali a nada, tomava-lhe a dianteira, e notou o Remington que o individuo que n'ella vinha, lá adeante na estrada, falava com um gendarme.

O que disseram, não sabemos, como é facil de suppor, mas quando o meu companheiro de viagem attingiu aquelle ponto, o gendarme fez parar a carruagem, voltou a cabeça do cavallo para a

cidade, deu ao cocheiro algumas instrucções em russo, e o resultado, sabidas as contas, foi encontrar-se o Remington, o mais involuntariamente possivel, arribado á porta do hotel, onde, decorrida uma hora, o vim encontrar, ás pernas pelo quarto, qual leão na jaula, desabafando a sanha em vigorissimo inglez.

Que nos vigiassem, já não estranhávamos, isto, porém, a falar verdade, era saber muito fóra do jogo!

Ao quarto dia, seriam dez e meia da manhã, fomos até á legação. O decorativo servical participou-nos que o encarregado de negocios ainda estava na cama. Enviámos-lhe duas palavras n'um bilhete, comunicando-lhe que vinhamos saber se tinha alguma nova a transmittirnos. Mandou-nos dizer pelo creado esplendido que não tinha novidade nenhuma, nem sabia quando a teria; e que era escusado esperar-mos por semelhante coisa.

Retribuímos-lhe com uma derradeira e definitiva mensagem de agradecimento e respectivas contumelias — e abalamos.

Dois dias atráz, tivéramos uma entrevista com o chefe aduaneiro, com quem tractáramos o transporte fluvial directo das nossas canoas para Rovno, no rio Niemen, suppondo que, vinte e quatro horas de anticipação fossem mais que sufficientes. Privínramos tambem o guarda-portão do hotel, de que nos íamos embora n'aquelle mesmo dia e recommendámos-lhe que nos fosse tirar passaportes. Veio, porém, ter connosco, trazendo uma cara de palmo e meio; dizendo que tinha muita pena, que fóra á estação policial, que havia certas difficuldades, e que não estava na sua mão resolvê-las.

— Estamos frescos, não tenha duvida — dissémos com os nossos botões. Pois já se vê que, sem passaportes, deixávamos de ser americanos, e até mesmo humanas creaturas; descambávamos meramente em numero de calaboiços policiaes!

Quiz o acaso, por nossa ventura, que a esse tempo apparecesse a visitarnos um official muito chegado á pessoa do tzar, e expozémos-lhe os apertos em que nos víamos. Ausentou-se, um instante, voltou, e affirmou-nos que forçosamente devia de haver engano, e que os nossos passaportes não podiam deixar de vir. Cavaqueámos, um pedaço, e o caso é que, d'ali a instantes, e como que por arte mágica, eis que apparecem os preciosos documentos, devidamente sellados e rubricados. Qual fosse o poderoso encanto, invocado pelo nosso dedicado amigo, ignoral-o-hemos para todo o sempre, mas que foi amigo providencial, lá isso foi, e estamos-lhe gratos quanto possivel pela sua valiosa intercessão.

(Continua)

Pin-Sel

TRIBUNAL DA RELAÇÃO DO PORTO

Foi por decreto de 21 de outubro de 1582, que o rei D. Philippe II, ordenou a extincção da Casa do Cível de Lisboa, e determinou a sua mudança para a cidade do Porto, tendo a data de 27 de julho do mesmo anno, o Regimento que o referido monarcha deu á mencionada casa do Porto.

Em data de 25 outubro de 1582, expediu Philippe II á camara do Porto uma carta régia, que aqui foi recebida em 4 de novembro do mesmo anno, dizendo ter sido enviado a esta cidade Antonio Fernandes Homem, porteiro da Casa do Cível, com a mobilia d'ella, e que constando-lhe que se podia por emquanto despachar na casa onde se costumava reunir a camara, esse despacho se fizesse effectivamente ali.

Em outra carta régia com data de 25 de novembro de 1582, igualmente expedida ao juiz, vereadores e procurador da cidade, ordenava Philippe II que logo que se soubesse o dia em que chegariam o governador, desembargadores e mais officiaes, fosse a referida camara com as demais pessoas da governança da cidade, recebê-las fóra d'ella.

Em consequencia d'esta ordem, foram a camara e outros funcionarios publicos, esperar o governador e juizes da Relação, ao Couto de Grijó, tres legoas distante do Porto.

Por carta régia de 13 de janeiro de 1584, ordenou o mesmo soberano que os desembargadores usassem de becas ou grunachas e barba larga para representarem a authoridade dos senadores romanos.

Finalmente por alvará de 5 de julho de 1585 determinou que a missa que diariamente se rezava na Relação fosse dita por um religioso de S. Francisco, ao qual se daria o ordenado que levava o capellão da Casa do Cível em Lisboa.

O primeiro despacho que a Casa do Cível rea-

lisou n'esta cidade foi em 4 de janeiro de 1583, e na casa onde a camara celebrava as suas sessões.

Depois, o tribunal mudou para a casa do conde de Miranda, onde esteve até ao anno de 1608, em que mudou para o edificio da Relação, que Philippe II mandara construir na Porta do Olival.

Sucedendo, porém, pelo terremoto de 1 de novembro de 1755, ter-se arruinado e cahido parte do referido edificio, tornou o tribunal para a camara onde esteve até 30 de maio do dito anno, por se ordenar se mudasse para a Praça das Hortas (actual Praça de D. Pedro.)

Por occasião do terramoto de 31 de março de 1761, estando os juizes em Relação, sahiram assustados, todos, para a praça, e com receio de que cahisse a casa do Despacho, mudou-se o tribunal para o hospicio dos padres capuchos, ao Calvario, onde permaneceu até 4 de novembro de 1765, para tornar a mudar para a Praça das Hortas.

Estando esta ultima casa arruinada e necessitando fazerem-se obras n'ella, tornou o tribunal a mudar para o hospicio dos padres capuchos, onde esteve até 31 de março de 1787, em que voltou para a Praça das Hortas, funcionando ali até se concluir o actual edificio das cadeias e tribunal da Relação, á Porta do Olival.

Por aviso de 11 de novembro de 1796, determinou S. M. que a Relação se mudasse para o novo edificio, realisando-se n'ella a primeira sessão em 7 de janeiro de 1797.

O primeiro governador que teve a casa do Cível, depois que veio para esta cidade, foi Pedro Guedes, filho de Simão Guedes, védor da casa da rainha a sr.^a D. Catharina e 5.^a senhor de Murça, que serviu durante a menoridade de seu primo Henrique de Souza, primeiro conde de Miranda, desde 4 de janeiro de 1583 até ao anno de 1590, que foi quando entrou a exercer o cargo de governador o referido conde de Miranda.

A Pedro Guedes foi então dada a presidencia do senado da camara de Lisboa.

Porto.

Manoel M. Rodrigues.

LIVRO DAS QUE SOUBERAM AMAR

PELA

PRINCEZA ***

COMENTADO POR

Arsène Houssaye

LIVRO II

XI

PORQUE VEIO ANTONIO A PARIS

Uma tarde, á noitinha, passávamos alegremente pelos Campos Elyseus na minha victoria, quando um homem se metteu por entre as filas das carruagens, gritando:

— Violente! Violente!

Cuidei, vendo o olhar espantado d'esse homem, que se tratava d'um doido.

— Antonio! gritou ella.

Foi a tempo, porque já o cocheiro levantava o chicote para fustigal-o, dizendo que lhe espantava os cavallos. Mandei-o logo parar. Violente, sempre algum tanto violento, tel-o-hia atirado da almofada, se elle houvesse batido em Antonio.

— Pobre amigo, disse ella ao gondoleiro, que vieste cá fazer?

Antonio, que partira de Veneza, prompto para tudo até para um crime, serenou como criança, ao ouvir a voz de Violante.

— Vim para ver-te, disse a meia voz, a olhar de esconso para mim.

— Ninguém vem de tão longe só para ver uma pessoa amiga. Onde tens a cabeça?

— Perdia-a, respondeu. Disse que, se não voltasses para Veneza, deixava-me ficar em Paris.

— Mas, meu querido Antonio, em Paris não ha gondolas.

— Deixa-o; hei de eu cá fazer uma, disse Antonio. Passeal-a-hei pelo Sena. Quando souberem que é d'um gondoleiro de Veneza, hão de querer andar de gondola.

— A idea não é má de todo. Escuta; havemos de falar n'isso. Vai amanhã a minha casa.

E Violante deu-lhe um bilhete de visita.

Como isto se passava na barafunda das carruagens e os cavallos estavam inquietos, Antonio ia sendo atropelado uma tres ou quatro vezes; mas com um pé no estribo, não largava o rebordo da almofada. O meu papel era assaz ridiculo. Cala-

XII

MADEMOISELLE JEANNE D'ARC

va-me, aguentando aquelle homem do diabo. Os amigos que passavam, julgavam-o um provinciano ou um provençal da minha familia, ou antes da familia de Violante.

Uma vez com o bilhete na mão, decidíu afastar-se. No dia seguinte não deixou de ir a casa de Violante. Tratou-o ella com doçura, ralhando com elle, dizendo-lhe que devia voltar para Veneza. Mas não era coisa facil fazel-o obedecer. Estava agarrado áquella idéa da gondola em Paris, para levar a vida junto d'ella, embora não devesse ser amado.

Só lhe pedia um favor, que o deixasse ir vel-a todos os domingos. Por muito que lhe ella dissesse que morreria á fome em Paris, porque os parisienses não andavam embarcados, não desviou do proposito uma linha.

O episodio aborrecia-me extraordinariamente. O rapaz tinha mostrado caracter, era capaz d'alguma tolice. Também não deixava de temer que Violante voltasse a gostar d'elle um bocadinho. Felizmente metade da belleza perdéra-n elle expatriando-se. A moldura faz muito ao quadro. Em Veneza, na gondola, tinha uns ares de pessoa real ridiculos em Paris. O traje veneziano dava-lhe relevo ao typo característico e á expressão melancolica; os fatos da *Belle Jardiniere* mascaravam-lhe o rosto e o feitio. Já não era um gondoleiro, nem era um parisiense. Não sabia como mecher os braços tão ageis e graciosos quando remava. A segunda visita, logo Violante lhe disse:

— Pobre Antonio, sabes que não és nada bonito em Paris?

— E tu és bonita demais, respondeu com ar sombrio.

E como se ella o não tivesse ouvido:

— Digo-te que estás bonita demais, insistiu.

Violante contentou-se com responder-lhe que era o seu destino.

D'essa vez offereceu-lhe dinheiro. Indignou-se.

— Dinheiro! exclamou batendo com o pé no tapete da Persia. Pois julgas que vim bater á tua porta para pedir-te esmola?

— Vamos, Antonio, bem sei que não pedes esmola senão á porta do meu coração. Mas não nos zanguemos. Foi porque tive medo que tivesses gastado todo o dinheiro com a tua vinda a Paris.

Respondeu-lhe, cheio de amargura, que não tinha viajado como ella e que, graças a Deus, ainda tinha com que viver algum tempo sem trabalhar. Quando tudo gastasse, faria o que a Deus aprouvesse.

Foi-se, altivo como Artaban.

— O teu gondoleiro é um massador, disse eu a Violante. Verás que vamos ter sensoria por causa d'elle. Não o receio por mim; receio-o por ti.

Razão tinha eu. Não imaginam como aquelle gondoleiro, fóra da gondola, era um animal insupportavel. Tivemos que mudar as horas dos nossos passeios para o não encontrar no caminho. Embora naturalmente calado, por toda a parte badalava a historia de Violante.

Era de esperar que vivesse a um canto e fosse de todos desconhecido; mas, como cantava bem foi ter com o empresario do Alcazar, que o escripturou para umas canções venezianas. Era exactamente as que Violante tão bem cantava. Teve por isso um certo exito. Chegou-nos a atoarda. Até que enfim, perdida a paciencia, Violante teve ainda uma entrevista com Antonio para lhe provar que perdia o tempo em Paris. No Alcazar so o tinham contractado ás noites; d'um dia para o outro poderiam dispensal-o; que havia de elle fazer? A tal idéa da gondola era simples loucura que poderia levar-o até Charenton, subindo o Sena e o Marne.

Mas Antonio não o entendia assim: já se via na Opera.

— Ora, dizia elle a Violante, não sabes o que dizem. Em Veneza todos somos pobres; em Paris tudo é rico. Quero enriquecer como os outros. Verás, quando eu tiver dinheiro, como voltarás para mim. Hoje tens quatro cavallos; dou-te oito.

Depois d'esta entrevista, Violante dizia-me que elle estava doído de todo e que só tinhamos um partido a tomar, irmo-nos por algum tempo.

Era na época dos banhos do mar; partimos para Trouville, onde cedo soubemos pela criada, que viera a Paris buscar uns vestidos, que o gondoleiro, melhor pensando, visto que o tinham despedido do Alcazar, voltára para Veneza.

Violante deu um suspiro de alivio e outro de saudade.

— Quem sabe, disse, se o pobre rapaz teria dinheiro bastante para a viagem e não vai outra vez deitar-se ao Adriatico?

— Socega, respondi; quem uma vez viu a morte de perto nunca mais lhe vai ao encontro.

D'onde provem, que, por vontade minha, soffresse mil mortes aquella pobre rapariga? Não sou cruel, sou incapaz de atormentar uma mosca. Faltava-me animo para dizer-lhe a verdade. Queria que ella, muito naturalmente, se desligasse de mim, como se fosse possível arrancar do coração uma paixão viva. Ia tão longe a minha cegueira, que cuidava já não amar aquella adoravel creatura, quando d'ella todo eu andava cheio!

Em tudo deve ser-se leal, não direi que até no amor, mas principalmente no amor. Mil mentiras ideei para que ella se cansasse de viver comigo. Dizia-lhe, por exemplo, que ia ser nomeado consul na America. Ella, que nunca mentira, nem sequer duvidava d'uma só das minhas palavras. Deitava-se-me nos braços, exclamando: «Irei contigo ao cabo do mundo.» Outra vez falava-lhe de minha mãe ausente. Avisava-a de que ia partir, para passar um mez em Londres: estava prompta também para a viagem; esconder-se-hia n'um hotel, onde eu lhe daria as horas de liberdade que minha mãe me deixasse. Não via obstáculos; seu amor desafiava tudo.

Esperei que ella me deixasse pelos ciúmes. Aqui ou acolá, como por engano, deixava cair uma carta de mulher; lia-a e punha-m'a na mão com um sorriso eloquente. Ha mulheres que vão aos ares, outras que choram, outras que só mostram a altivez do silencio. Violante era d'estas.

Tinha sobretudo ciúmes d'uma a quem tinhamos posto a alcunha de Jeanne d'Arc. O acaso punha esta mulher sempre no caminho de Violante, no theatro ou no bosque. O sorriso que trocavamos apunhalava-lhe duas vezes o coração. Violante lia palavra a palavra nos olhos. Um dia disse-me:

— Amanhã, se essa mulher olhar para ti e tu olhares para ella, mata-a.

Não era uma ameaça vã; mas eu que tinha pretensões de saber de mulheres, não conhecia as venezianas. No dia seguinte, estavam no theatro das Variedades, ao lado de Jeanne d'Arc e de uma sua amiga, cada qual n'uma meia frisa. Violante não dizia palavra, parecia olhar apenas para o espectáculo; mas, de repente, no instante em que tudo ria não sei de que serie de tolices, Violante ergueu-se e partiu o leque na cara de Jeanne d'Arc. Nunca mulher havia sido esbofetada assim!

Peguei em Violante pela cintura e atirei-a para o fundo da frisa.

Parecia a scena dos leões no Circo da Imperatriz.

Era soberba em sua ira: dois vulcões nos olhos, as ventos agitadas, a bocca entre-aberta, uma expressão de altivez e colera! Jeanne d'Arc teve tanto medo, que por um triz lhe não deu o proprio leque para que recommecasse, visto que d'elle não se atreveu a fazer uso.

Como eu exprobasse a Violante a violencia, tornou á doçura adoravel, dizendo-me com o mais encantador dos sorrisos:

— Ora o que foi isso? Uma pancada com o leque!... Tivera eu comigo uma navalha!

A coisa fez bulha, porque todos os actores se voltaram para a frisa e um menino engraçado gritou ás rivas que fossem para o palco. O commissario de policia veio á frisa e ameaçou as senhoras de as levar para o estarem, sem exceptuar a que tinha levado, o que a indignou muitissimo. Obtive-lhes o perdão, entregando ao commissario o meu bilhete de visita.

Foi o preludio, porém. No dia seguinte, na Cascata, por um d'esses acasos que provam que tudo é logico nos acasos do mundo, encontrámo-nos ao almoço. Apenas nos havíamos sentado deante d'um prato de camarões, umas ovas e uns rabinetes, entra Jeanne d'Arc com um amigo meu, todo ancho da conquista, pois que Jeanne d'Arc armava sempre em pucella de Orléans. Como esmeu amigo era Mr. de Montlouis, tenente de dragões, destro esgrimidor, feito desordeiro, Jeanne d'Arc não receou Violante. Veio desafiá-la, sentando-se a uma mesa proxima, de cara para nós, ou antes para mim, porque Violante estava de costas voltadas.

Não quiz privar-se de me mimosear com toda a sorte de tregeitos, por cima do hombro da minha amante, rindo como doída de quanto o companheiro lhe dizia, embora não fosse para dar vontade de rir. Mas Jeanne d'Arc pertencia á seita das mulheres que pensam que a alegria é bulhenta. E ainda para mais, queria provar-nos que estava muito divertida, o que é uma vantagem sobre aquelles que se não divertem.

Cuidava que Violante lhe não via as caretas; mas a Veneziana tinha sempre consigo um pequenino espelho de Veneza, do tamanho de metade da mão, que a esclarecia sobre quanto em volta d'ella se passava; e tanto que, n'um dado momento, sem que até então houvesse mostrado impaciencia, pegou na faca e ergueu-se terrivel.

Quiz-me deitar a ella, mas fui impedido pela mesa.

E, de resto, era já tarde.

Voltára-se e, sem escolher logar, ferira Jeanne d'Arc entre os seios. Quando a segurei, disse-me apenas estas simples palavras:

— Se a matei, mata-me.

Deu-me a faca.

Entretanto Montlouis amparava nos braços Jeanne d'Arc, que desmaiara ao ver correr o sangue.

— Que diabo! disse Montlouis, não se ataca assim uma pessoa, sem se lhe dizer que se defende.

Não sabia que responder-lhe. Temia que o golpe fosse mortal. Já via todas as consequencias da scena tragica.

Mr. de Montlouis estancava o sangue e olhava para o ferimento.

— Felizmente, disse, a faca não penetrou; ainda assim, a Veneziana não marcou Jeanne d'Arc com um signal bonito.

Jeanne d'Arc não reabria os olhos. O tenente de dragões deitou-a devagarinho no chão, emquanto eu lhe deitava agua na testa. Tinham-se reunido alguns curiosos aos moços do café.

— Não façam caso, disse Mr. de Montlouis, que desejava arranjar as coisas; é uma ciumenta, deu em si uma facada.

Violante queria falar, mas tapei-lhe a bocca e arrastei-a para o bosque.

A facada fez mais barulho que a pancada da vespera; mas não chegou aos ouvidos do juiz d'instrucção, porque todos acreditaram na palavra do tenente de dragões. Até acabou por convencer a propria Jeanne d'Arc que ella a si mesma se havia apunhalado. Verdade seja que, para convencer-a, lhe deu da minha parte uma nota de mil francos.

Embora fosse bem pago, porque a faca tinha escorregado n'uma costella, sem maior damno, Jeanne d'Arc nunca mais se atreveu a affrontar Violante.

XIII

A LENDA DE VIOLANTE

Tudo em Violante me era caro, até o nome d'ella.

— Porquê te chamas Violante? perguntei-lhe um dia.

Respondeu-me que devia perguntal-o ao padrinho, o Duque de Riançarez.

— Teu padrinho? perguntei com certa surpresa.

— Porque não? Tinha vindo caçar ás nossas montanhas com o Duque de Sforza. Minha mãe, que de tudo tinha a certeza e que sabia perfeitamente que me corria sangue vermelho nas veias, pediu-lhe este favor: que me acompanhasse á egreja e perante Deus respondesse por meus actos e gestos. O Duque olhou para mim e achou-me bonita. Gostou muito dos meus cabellos d'ouro. «Não se diria, exclamou, que é filha de Violante, a amante do Ticiano?» E foi o primeiro dos meus nomes de baptismo. Não me fica bem, sobretudo se traduzirem Violante por violenta?

— Sim, disse-lhe, beijando-a, violencia das paixões, violencia do coração, violencia da alma. Mas creio que te formaste assim, amoldando-te ao nome. Não quizesse que teu padrinho se enganasse.

— Respondo-te que nunca n'isso pensei; creio apenas que foi o meu nome que me deu o profundo amor á Violante do Ticiano.

Levantou-se e foi buscar a um movelsito um pequenino alfinete de peito, d'ouro de Veneza, que valeria quando muito vinte francos, mas que continha um retrato da filha do Ticiano, de valor inestimavel, embora moderno, tanto o miniaturista tivera artes para reproduzir o ar encantador da cabeça original.

N'essa noite falámos muitissimo de Violante.

— Sabes a lenda? perguntou-me.

— Não sei. E tu?

— Não sei eu outra coisa!

E poz-se-me a contar a lenda, com a phisionomia mais expressiva e o doce ciciar das venezianas. Parecia um canto d'amor.

Paulo de Hauteroche queria saltar a lenda, mas reclamamol-a todos e elle melhor ou peor lá a traduziu.

Eil-a, pouco mais ou menos:

(Continua).

NECROLOGIA



MARIANO PINA

FALLECIDO EM 30 DE MARÇO DE 1899

Causou dolorosa surpresa em Lisboa a noticia da morte do conhecido jornalista Mariano Pina, que a tuberculose ha muito havia afastado do trabalho assiduo na redacção do *Jornal do Commercio*, mas a quem, ultimamente, accentuadas melhoras haviam dado, bem como a seus amigos, fundadas esperanças de cura.

No sabbado, 1 de abril, os jornaes de Lisboa publicavam annuncios luctuosos da familia do fallecido e da redacção do *Jornal do Commercio*, onde este ultimamente exercia as funcções de redactor gerente.

Mariano Pina falleceu em S. João do Estoril pelas nove e meia da noite de quinta feira santa. Natural de Alcobaça, viera muito novo para Lisboa, onde seu pae desejava que elle estudasse, destinando-o a carreira de medicina.

Quando o pae morreu, necessidades da vida e as suas tendencias litterarias levaram-o a entrar para a redacção do *Diario da Manhã*, de que fôra fundador Manuel Pinheiro Chagas. Ahí se conservou até que, por morte de Guilherme de Azevedo, a empreza da *Gazeta de Noticias* do Rio de Janeiro lhe offereceu o logar de correspondente em Paris, onde Mariano Pina se conservou por muitos annos, fundando n'aquella cidade *A Illustração*, um bello jornal, que publicou magnificas gravuras e em que collaboraram os mais distinctos escriptores.

Voltando a Lisboa fundou *O Nacional*, que pouco tempo teve de duração e publicou poucos numeros do *Espectro*.

Fez parte das redacções do *Diario Popular*, *Correio Nacional* e *Jornal do Commercio*.

Sem ser um grande escriptor, era todavia um excellente jornalista.

Traduziu para o theatro a *Arlesiana* e o *Filho Natural* e fez um arranjo dos *Rantzau*, a famosa peça de Erekmann-Chatrian.

Era de uma actividade pasmosa. No Estoril ainda continuava a trabalhar.

Paz á sua alma.

agregiação, contem, o presente volume, varios documentos e o parecer da commissão revisora de contas.

Para se avaliar dos trabalhos da direcção a que se refere este relatório, reproduziremos o respectivo summario, que é o seguinte:

Preambulo justificativo; Movimento dos socios; Situação economica; Socios fallecidos; Constituição da Direcção; Questão dos vinhos; Comissões de estudo; Delegado nas exposições de Hamburgo e Bruxellas; Congresso agricola do Porto; Conferencias; Guia pratico para o emprego dos adubos; Impressão das publicações da Associação; Sindicatos agricolas; Black-rot; Exclusivo da fabricação do assucar de beterraba; Campo de demonstrações annexo ás escolas primarias; Peste bovina; Icerya Purchasi; Associação Commercial do Porto. Homenagem a Mousinho d'Albuquerque; Distribuição do relatório do Congresso viticola; Arroz partido e fraudes no commercio dos adubos; Conselho das pautas ultramarinas; Vinhos em Lourenço Marques; Circular do ministro das Obras Publicas, fomento agricola; Exposição de Paris de 1900; Nossas relações associações agricolas nacionaes e estrangeiras; Pedidos de conselhos e publicações; Convide da Cooperativa Militar; Questão dos trigos; Empregados; Circular do ministro da Marinha, fomento colonial; União dos syndicatos agricolas; Tratado de commercio com a Republica Argentina; Conclusão.

No jubileu do centenário — Portugal na India — *Epopeia do Oriente* — 1498-1898.

O poemeto *Portugal na India*, original do sr. Roque Bernardo Barreto Miranda, constitue um elegante opusculo, nitidamente impresso em fino papel e que faz honra á Imprensa Nacional de Nova Góia, onde foi publicado. É dedicado pelo seu auctor ao sr. Antonio Paulino d'Andrade, em uma patriótica epistola, e em que diz:

«Como filho da lendaria India — pela qual elle ganhou a immortalidade — quiz tomar parte no jubileu nacional, na apothese universal, depondo junto ao seu glorioso pedestal o tributo da minha reverencia e admiração, como a mais simples, mas sincera das ofertas na lingua que Camões e Vieira tanto illustraram, e que o intrepido argonauta nos trouxe a par das sublimes doutrinas de Christo; e ao usar do lapis tracei o que se vai ler, nos breves ocios que me deixaram os serviços officiaes.»

E explicando melhor, com uma nobre modestia o seu intento, o sr. Roque Miranda acrescenta:

«A appareição d'este livro não pretende o amor vaidoso de me ostentar no procenio litterario; é apenas a satisfação de uma divida — Homenagem e reconhecimento ao genio portuguez.»

No poema, que é vigoroso e canoro ao mesmo tempo, ha bellas imagens arrojadas e de um brilhantismo épico muito notavel.

Assim o comprehenderam já varios entendedores, que exigem do sr. Roque Miranda, o não se deter na formosa estrada da poesia, especialmente a heroica, para a qual tem incontestavel aptidão e de que o presente poemeto é prova valiosa.

Jornal das Crianças — 1 de Janeiro de 1899. — Typ. K. N. do Loureiro, 25 — Lisboa.

Com a data acima, publicou-se o n.º 2 d'esta nova revista para as crianças, dirigida pelo sr. H. Silveira, de Lisboa.

O *Jornal das Crianças* é uma publicação quinzenal, a primeira que no seu genero apparece impressa em portuguez, profusamente illustrada com gravuras e chromos, e visando exclusivamente ao recreio e instrucção infantil.

Cada numero do jornal é methodicamente graduado, de forma que as crianças, de todas as idades, encontram n'elle sempre assumpto que lhes interessa, desde as primeiras noções de leitura, até á historia. Insere muitas curiosidades proprias ao fim que se destina e pelo que lhe auguramos longo futuro.

A Industria — O Ministerio das obras publicas, commercio e industria em 1893 (de 23 de fevereiro a 20 de dezembro), por Bernardino Machado — Typographia França Anado — Coimbra — 1898.

Com o presente volume começa o sr. conselheiro Bernardino Machado, o operoso lente da nossa universidade e preclaro pedagogo, a publicação dos trabalhos a que presidiu durante a sua gerencia ministerial; os quaes condensou em tres volumes *A agricultura, A industria e Os meios de communicação e o commercio*, subordinando-os ao titulo geral de *O ministerio das obras publicas, commercio e industria em 1893*.

N'este volume — *A Industria*, estão compiladas as variadas disposições legais promulgadas pelo

sr. conselheiro Bernardino Machado, relativas á industria.

Entre esses documentos ayulta o *Regulamento para o trabalho dos menores e das mulheres*, notavel documento legislativo que muito honra o ministro que o subscreveu e o paiz que o possui, tendo Napias declarado, perante a sociedade de medicina publica de Paris, em sessão de 26 de fevereiro de 1896, que a legislação portugueza de protecção ás mulheres empregadas na industria é mais completa que a da França e muitos outros paizes que citou.

A descentralisação do ensino industrial, as escolas industriaes, a socialisação industrial, fomento, etc., etc., são interessantissimos capitulos, de cujo estudo se vê quanto a industria portugueza deve ao illustre homem de sciencia.

A todos que se interessam pelo progresso e bom nome do nosso paiz indicamos o presente volume, porque com o conhecimento d'elle muito ha que folgar.

Phalenas, com uma parte sobre assumptos indianos, por Floriano Barreto. — Typographia «Rangel» — Bastorá — 1898.

A primeira parte d'esta collecção de poesias intitula-se *Indianas* e contem as contribuições com que o auctor quiz solemnizar a celebração do centenário, pelo que a commissão local executiva na India portugueza mandou imprimir á sua custa o presente volume.

Nessa primeira parte o sr. Floriano Barreto intercalou a traducção de alguns *mandós*, canções da terra, esforçando-se por trasladal-os a portuguez com a fidelidade compativel a taes amstras da poesia goana. Da exemplos dos tres typos conhecidos de *mandós* e entre elles os politicos, genero um pouco escabroso pelas allusões pessoaes.

Primicias e Vãos tímidos são os suggestivos titulos das outras partes das *Phalenas*, composições na sua maioria pertencentes aos primeiros annos da mocidade de Floriano Barreto. D'ellas destacamos, para amostra, a seguinte sonetilha intitulada:

O PEGUREIRO E O MONGE

Nas ruinas d'um mosteiro
meditava um velho monge,
emquanto soava ao longe
a canção d'um pegureiro.

Sentado n'um mausoléu,
immerso em profunda magoa,
com os olhos razos d'agua,
elle olhava para o céu.

E emquanto ao longe se ouvia
um cantico d'alegria
entoadado pelo pastor,

chorava o bom d'este frade
vendo em ruinas, com saudade,
o mosteiro do Senhor.

Como se vê a factura é excessivamente simples, mas revela dotes de naturalista, que n'outras composições mais se accentuam.

DICCIONARIO DAS SEIS LINGUAS

Obra unica no genero, indispensavel ao Commercio, á Industria, ás corporações diplomaticas e consulares, aos tabellães, escriptores, e estudantes de todos os paizes, etc.

ABRANGE

Francez, Portuguez, Hespanhol, Italiano, Inglez e Allemão

Forma um só volume perfeitamente manuseavel e publica-se aos fasciculos de 16 paginas.

30 réis cada fasciculo pago á entrega

Para as provincias ás series de 5, 10 e 20 fasciculos, accrescendo o porte do correio.

Assigna-se em todas as livrarias e na

EMPRESA DO OCCIDENTE

Largo do Poço Novo — LISBOA

Enviam-se prospectos e specimen a quem os pedir.

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.

Preço da capa e encadernação 1200 réis.

Pedidos á Empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.



Recebemos e agradecemos:

Real Associação Central de Agricultura Portuguesa. — *Trabalhos durante a gerencia de 1897-1898.* — Lisboa. — 1899.

Além do relatório da direcção da conceituada